

**ELES TENTARAM NOS ENTERRAR,
NÃO SABIAM QUE ÉRAMOS SEMENTES**

UM DIÁRIO-TRIBUTO AOS CORPOS QUE ~~NÃO~~ IMPORTAM

GUILHERME FERREIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CLA - CENTRO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS - ESPANHOL

GUILHERME DOS SANTOS FERREIRA DA SILVA

ELES TENTARAM NOS ENTERRAR, NÃO SABIAM QUE ÉRAMOS SEMENTES

Um diário-tributo aos corpos que não importam

Rio de Janeiro - RJ
2018

GUILHERME DOS SANTOS FERREIRA DA SILVA

ELES TENTARAM NOS ENTERRAR, NÃO SABIAM QUE ÉRAMOS SEMENTES

Um diário-tributo aos corpos que não importam

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras: Português - Espanhol da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de licenciando.

Orientador: Professora Martha Alkimin

Rio de Janeiro - RJ
2018

CIP - Catalogação na Publicação

S586e Silva, Guilherme dos Santos Ferreira da
Eles tentaram nos enterrar, não sabiam que
éramos sementes: um diário-tributo aos corpos que
não importam / Guilherme dos Santos Ferreira da
Silva. -- Rio de Janeiro, 2018.
47 f.

Orientadora: Martha Alkimin.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português -
Espanhol, 2018.

1. Corpo abjeto. 2. Performance. 3. Franco,
Marielle. I. Alkimin, Martha, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

A todos os corpos abjetos,
que lutam diariamente pelo direito de pertencer.

RESUMO

“*Eles tentaram nos enterrar, não sabiam que éramos sementes*: um diário-tributo aos corpos que não importam” surge com o objetivo de tecer uma homenagem a todos os corpos abjetos, ou seja, corpos que a vida são classificadas como descartáveis (cf. Butler, 2002). Nesse diário (inspirado por questões despertadas em mim após a morte de Marielle Franco) promovo, através do contato com literaturas e performances construídas por corpos marginais, uma reflexão sobre o papel que tais corpos exerceram no cenário sócio-político brasileiro nos últimos anos. A partir do debate de temas como execução de corpos descartáveis, fascismo, invisibilização nas redes sociais e arte performática, evidencio a importância da luta dos corpos abjetos como forma de pertencimento, e como Marielle Franco serviu como semeadora de uma revolução.

Palavras-chave: corpo abjeto, performance, Marielle Franco.

SUMÁRIO

NOTAS DO AUTOR	06
INTRODUÇÃO	07
CENA 1: Eu não sou da paz	09
CENA 2: Os corpos que não importam	13
CENA 3: Performance e periferia	16
CENA 4: Ascensão do fascismo	25
CENA 5: Novas cenas, novos corpos	31
CENA 6: #MariellePresente	36
LISTA DE INSPIRAÇÕES	40
AGRADECIMENTOS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

NOTAS DO AUTOR

Para uma melhor experiência, aconselho que sua leitura seja acompanhada do site corposquenaointerpretam.home.blog. Nele você terá acesso ao link direto para as performances e reportagens que serão mencionadas ao longo desse diário-tributo, além de materiais extras que me inspiraram para construção desse trabalho.

INTRODUÇÃO

Qual o corpo que ocupa a pobreza e qual o corpo que ocupa a riqueza? Qual corpo é entendido como perigoso e qual corpo é entendido como confiável? Essas foram perguntas feitas pela escritora e ativista transfeminista Helena Vieira em uma palestra que realizou na SP escola de teatro, em 2018. Quando pensamos na noção de corpo, a primeira imagem que surge a nossa mente é a estrutura física corporal, carne, ossos, órgãos, porém, para além disso, corpo é uma construção sócio-política e segundo Helena Vieira (2018), a capacidade de estar socialmente no mundo é o que concede a nossa estrutura física a ideia de corpo.

Seguindo esse pensamento, entendemos que corpo não tem a ver somente com cor de pele, órgão sexual ou peso. Corpo corresponde a construção historicamente destinada a ele: a concepção de negro e branco, homem e mulher, hétero e gay, magro e gordo... o lugar desses corpos já está predestinado. Nela o corpo preto, pobre, feminino, gay, gordo, está socialmente condenado a pertencer a margem. E esses corpos não tiveram o direito de escolher pertencer ou não a esse espaço, porque a posse de si não lhes pertence.

Ainda temos a questão de classe social, tema que, segundo Helena Vieira (2018), marca e condiciona o corpo. Relações como

cor, tipo de cabelo, tipo de roupa, bens materiais, sotaque, tudo aponta e permeia as diferenças entre classes sociais. E sabemos em qual faixa social está localizada problemas como falta de investimento público ou mortes provenientes da violência.

Buscando entender melhor sobre esse (não) pertencimento do corpo marginal na sociedade, me deparei com o conceito de abjeção discutido por Kristeva (1988), onde abjeto é classificado como o descartável, não-importante. A autora explica que o abjeto é reprimido porque manifesta uma confusão de limites na sociedade padrão, não recebendo direito ao pertencimento por causar desordem e desequilíbrio na sociedade perfeita, exemplo dos excrementos humanos e do cadáver (1988, 3).

Judith Butler aprofunda ainda mais esse tema e começa a tratar então da noção de corpos abjetos, corpos não pertencentes ao ideal de sociedade padrão-normativa. A filósofa é questionada em uma entrevista sobre sua teoria, e explica que os corpos abjetos são aqueles onde a vida não é considerada importante, corpos sem existência autêntica, exemplificando com a imagem dos não-ocidentais, pobres, deficientes físicos, negros (PRINS; MEIJER, 2002).

Com essa nova construção do que é o corpo, comecei a erguer uma reflexão sobre o papel do corpo na performance. Não o corpo físico, mas sim o corpo como constructo histórico-social-normativo. Relendo as análises de Zumthor para o conceito de performance, percebi que encontrava ali um grande dilema. O autor tratava a noção de performance como precedente a uma recepção (2010, 55), mas como é possível a performance dos corpos marginais adentrar-se a um espaço em que é repelida?

Nos dias que passei refletindo sobre meu questionamento, tive a oportunidade de participar de uma roda de conversa realizada na Faculdade de Letras da UFRJ, com o foco nos terceirizados. Em um dos momentos da comunicação, uma professora que eu não conhecia e se apresentou como Vanessa Ribeiro, falou sobre o descarte que é feito com os corpos pobres “...*Eu digo isso como mulher, preta, periférica. Não somos descartáveis! E eu não admito esse tipo de pensamento passando por ai!*”. Vanessa seguiu reproduzindo a frase “Não somos descartáveis” revelando o direito que os corpos marginais têm de estar no lugar onde desejam estar. O discurso da professora foi seguida pelo de diversos terceirizados que, talvez, pela primeira vez ali dentro da universidade, estavam ganhando um espaço igual de fala. A fala dessa professora clareou a minha mente para alguns aspectos.

- 1) O corpo abjeto nunca foi submisso e o fato do Ser marginal viver e conviver diariamente em uma sociedade que o despreza, já se fazia um posicionamento político.
- 2) Tudo que transgrida o modelo de sociedade imposta gera curiosidade. As pessoas passavam pelo pátio

da faculdade e ao ver dezenas de terceirizados sentados em uma roda ao lado de professores universitários, estranhavam e paravam para ver o que estava acontecendo.

Cheguei a conclusão que não só era possível reconstruir a significação de corpo marginal, transformando todos os aspectos negativos do “ser abjeto” em armas a serem usadas ao seu favor, como isso já estava sendo feito. No *slam*, batalha de rimas feitas por corpos marginais, era construída uma performance transgressora, onde a arte se beneficiava da curiosidade presente sob os corpos abjetos ali dispostos como artimanha para a sua propagação. Feito em praças públicas, o *slam* despertava a curiosidade do povo que passava e não resistia o olhar para aqueles corpos, e era a partir dessa estratégia que a mensagem dessa minoria se multiplicava.

A partir da exposição de atuações dos corpos abjetos no cenário sócio-político brasileiro nos últimos anos, os próximos passos desse diário, dividido em seis cenas, buscam articular uma reflexão sobre como a literatura e a performance de corpos abjetos detêm importante papel na luta por pertencimento dos corpos marginais, e como Marielle Franco serviu como semeadora de uma nova revolução.

CENA 1:
EU NÃO SOU DA PAZ

DA PAZ

por Marcelino Freire

Eu não sou da paz. Não sou mesmo não. Não sou. Paz é coisa de rico. Não visto camiseta nenhuma, não, senhor. Não solto pomba nenhuma, não, senhor. Não venha me pedir para eu chorar mais. Secou. A paz é uma desgraça. Uma desgraça! Carregar essa rosa. Boba na mão. Nada a ver. Vou não. Não vou fazer essa cara. Chapada. Não vou rezar. Eu é que não vou tomar a praça. Nessa multidão. A paz não resolve nada. A paz marcha. Para onde marcha? A paz fica bonita na televisão. Viu aquele ator? Se quiser, vá você, diacho. Eu é que não vou. Atirar uma lágrima. A paz é muito organizada. Muito certinha, tadinha. A paz tem hora marcada. Vem governador participar. E prefeito. E senador. E até jogador. Vou não. Não vou.

A paz é perda de tempo. E o tanto que eu tenho para fazer hoje. Arroz e feijão. Arroz e feijão. Sem contar a costura. Meu juízo não está bom. A paz me deixa doente. Sabe como é? Sem disposição. Sinto muito. Sinto. A paz não vai estragar o meu domingo. A paz nunca vem aqui, no pedaço. Reparou? Fica lá. Está vendo? Um bando de gente. Dentro dessa fila demente. A paz é muito chata. A paz é uma bosta. Não fede nem cheira. A paz parece brincadeira. A paz é coisa de criança. Tá uma coisa que eu não gosto: esperança. A paz é muito falsa. A paz é uma senhora. Que nunca olhou na minha cara. Sabe a madame? A paz não mora no meu tanque. A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue.

Já disse. Não quero. Não vou a nenhum passeio. A nenhuma passeata. Não saio. Não movo uma palha. Nem morta. Nem que a paz venha aqui bater na minha porta. Eu não abro. Eu não deixo entrar. A paz está proibida. A paz só aparece nessas horas. Em que a guerra é transferida. Viu? Agora é que a cidade se organiza. Para salvar a pele de quem? A minha é que não é. Rezar nesse inferno eu já rezo. Amém. Eu é que não vou acompanhar andor de ninguém. Não vou. Não vou. Sabe de uma coisa: eles que se lasquem. É. Eles que caminhem. A tarde inteira. Porque eu já cansei. Eu não tenho mais paciência. Não tenho. A paz parece que está rindo de mim. Reparou? Com todos os terços. Com todos os nervos. Dentes estridentes. Reparou? Vou fazer mais o quê, hein? Hein?

Quem vai ressuscitar meu filho, o Joaquim? Eu é que não vou levar a foto do menino para ficar exibindo lá embaixo. Carregando na avenida a minha ferida. Marchar não vou, ao lado de polícia. Toda vez que vejo a foto do Joaquim, dá um nó. Uma saudade. Sabe? Uma dor na vista. Um cisco no peito. Sem fim. Ai que dor! Dor. Dor. Dor. A minha vontade é sair gritando. Urrando. Soltando tiro. Juro. Meu Jesus! Matando todo mundo. É. Todo mundo. Eu matava, pode ter certeza. A paz é que é culpada. Sabe, não sabe? A paz é que não deixa.



“... de manhã tava sorrindo... brincando na rua, levou tiro da polícia... morri junto, mas vou gritar.”



“...ela voltou da escola e morreu dentro de casa, a polícia atirou direto na porta... não foi bala perdida.”

Palazyan, R. (2018). *Arrancaram um pedaço de mim*. [Bordado em tela] Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio.

Em uma conversa na sede cultural do instituto “Tamo Junto” em Vitória (ES), Marcelino explicou que o conto “Da paz” surgiu a partir de um convite do jornal Estado de São Paulo para que ele criasse um conto que se passasse no dia que o PCC tomou conta da cidade de São Paulo, em 2006. O autor começa então a pensar em que tipo de conto gostaria de escrever e enquanto assistia TV se deparou, em uma novela, com uma personagem toda de branco com uma rosa na mão, mobilizando pessoas para uma passeata pela paz. Marcelino explicou que aquela cena o incomodou profundamente já que não via muita verdade naquilo, e por isso decidiu se vingar da novela, dos atores e inclusive dele mesmo (por estar assistindo), criando o conto. E foi a partir dessa experiência que surgiu a primeira frase “Eu não sou da paz”. O escritor mandou o conto para o jornal, mas obviamente não publicaram, culminando na publicação do conto pelo próprio Marcelino em seu livro “*Rasif - mar que arrebeta*” de 2008, que chegou a concorrer ao Prêmio Portugal Teleton.

Tive contato com o conto “Da paz” pela primeira vez em uma das aulas de educação durante minha graduação em letras, o professor distribuiu o conto para os alunos e juntos debatemos métodos de trabalho do gênero em sala de aula. Ali, naquele ambiente, tive minha primeira experiência com essa “paz inimiga”. Me incomodou, senti uma ardência no peito, sabia que tinha acabado

de entrar em contato com um texto que me perseguiria por um bom tempo. E perseguí. A escrita do Marcelino sempre foi muito marcada pela oralidade, o que cria uma aproximação do leitor com essa literatura marginal da forma mais crua possível, trilhando, propositalmente, um caminho divergente aos das literaturas mais elitistas.

Despertado pela curiosidade de não ter lido desde a primeira vez o conto “Da paz” em voz alta, o fiz, e minha experiência como leitor mudou completamente, se elevou. A história narrada se materializou, cada palavra dolorosa da protagonista passou a pesar mais, machucar mais, arder mais. Cada linha conseguia atíçar meus sentidos, meus nervos. Eu estava ali diante de um novo texto, foi então que decidi procurar algum vídeo onde o próprio Marcelino lia o conto, na intenção de aprofundar essa experiência da qual entrara em contato. Encontrei no YouTube um vídeo onde ele recitava “Da paz” na presença de alguns ouvintes e foi nesse momento que me deparei pela primeira vez com a surpreendente marcação performática existente no conto. O tom de voz escolhido por Marcelino ao ler o conto, a seleção das pausas, a entonação e musicalidade nas palavras. Mais uma vez me deparei com um novo texto, e nele tudo constituía um corpo performático, uma questão, um problema a ser pensado, refletido.

O vídeo terminou e o dispositivo de reprodução do *Youtube* me colocou imediatamente diante de um novo vídeo: “Poeta: Naruna”.

Nele encontrei uma outra versão do mesmo conto “Da paz” interpretado por outro corpo, outra voz e novamente... tudo se transformou. Mulher, negra, a sua performance reinaugurou o texto de Marcelino Freire, tornando-o uma confissão pessoal. Passei a notar coisas que não havia reparado nas leituras anteriores do conto, comecei a interpretar de outra forma, ressignificando aquela leitura.

Marcelino criou uma história sem delimitar o ambiente, sem dar nome aos personagens ou indicar uma data certa. Toda essa construção dependia da imaginação do leitor e eu, sabendo que Marcelino era Pernambucano e de forte conexão com a fala da mulher nordestina, comecei a idealizar uma personagem também nordestina, mas tudo se transmutou de repente com a voz de Naruna. Se transmutou porque o texto e a performance agora eram uma coisa só, e ambos se situavam na presença e voz da poeta, nos seus jeitos, nas suas feições, nas suas pausas e seus silêncios, estava no palco. Naruna tomou a autoria do conto pra si e enquanto a via o recitar com seu sotaque, imaginava a mulher negra das periferias cariocas, mulheres que perdiam seus filhos diariamente para violência, pela bala perdida, pelas mãos do bandido, pelas mãos da polícia. Eu estava diante de um texto maior do eu e que tirava o sossego. Eu não parava de pensar no poder na voz da Naruna, no poder que sua presença exercia ao ponto de metamorfosear o conto de Marcelino. A emoção, a conexão entre seu corpo, sua voz e o corpo e a voz da personagem do conto. Eu estava de frente a luta diária de mulheres,

negros, pobres. Eu estava de frente a Marielle Franco.

(Foto: Reprodução / YouTube)



Poeta e atriz Naruna Costa performance o conto “Da Paz” no Programa “Minas e Manos”, da TV Cultura.

CENA 2:
OS CORPOS QUE NÃO IMPORTAM

EL PAÍS

CASO MARIELLE FRANCO

Assassinato político de Marielle Franco reativa as ruas e desafia intervenção no Rio

Multidões se reuniram no Rio de Janeiro, em São Paulo e em outras capitais para homenagear a vereadora

'Ela era uma inspi...
reação de...
Maré'

BRASIL

favelado': a
lexo da

EL PAÍS

VIOLÊNCIA NO RIO DE JANEIRO

Marielle Franco, vereadora do PSOL, é assassinada no centro do Rio após evento com ativistas negras

Contrária à intervenção federal, a política havia criticado dias antes ação da PM em Acari. Vereadora e seu motorista foram mortos no Estácio, na região central do capital fluminense.

EL PAÍS

CASO MARIELLE FRANCO

Tempo de investigação da morte de Marielle já supera o de outros casos parecidos

Ministro Raul Jungmann declarou que solução para crime viria no mesmo tempo que o dos casos de Amarildo e Juíza Patrícia Acioli, mas promessa não foi cumprida

PONTE

Mulher, negra, favelada, foi de 'cria da Maré' a sín lutas políticas no Rio

Júlia Dias Carneiro
Da BBC Brasil no Rio de Janeiro

15 março 2018

Marielle era uma das 32 mulheres entre 811 vereadores eleitos e brasileiras

Juliana Gagnani
Da BBC Brasil em Londres

15 março 2018



uto não acaba, não nos deixam uecer', diz filha de Marielle, quatro ses após assassinato da mãe

s Carneiro
News Brasil no Rio de Janeiro



DIÁRIO: MORTE MARIELLE FRANCO



1

14 de março de 2018 - 23:00

Vi a notícia que hoje morreu uma deputada do PSOL chamada Marielle Franco, acho que já tinha ouvido falar dela... no jornal estavam falando que ela pode ter sido executada e isso me assusta demais. Pelo que entendi ela estava dentro de um carro com seu motorista Anderson, voltando de um evento político na lapa umas 21:30 quando o carro foi mitralhado no Estácio, ali pelo centro do Rio mesmo. Marielle morreu com quatro tiros na cabeça!!! Isso é surreal e desumano demais para que eu consiga acreditar! Ouvi gente dizendo que poderia ter sido um assalto, mas por que assaltantes matariam de uma forma tão violenta uma pessoa e não levariam nada? Isso não foi um ato de assalto, eu sei que não foi. Pesquisando na internet descobri que o tal evento que Marielle estava era o "foréns negros movendo as estruturas" na casa das putas. Não foi um assalto, eu sei que não foi.

16 de março de 2018 - 08:00

Foi a primeira vez que sai de casa depois da morte da Marielle Franco e do Anderson, e eu só sinto medo, moro na Lapa e faço um trajeto de duas horas até a faculdade, horas de puro medo. Medo porque sei que ninguém está seguro, mas eu estou menos ainda, negro, pobre, gay, sou um corpo vulnerável e atacável. E eu sei que meu medo é compreensível, passei os últimos dias lendo todas as notícias sobre o caso Marielle, rodando o feed do Facebook e do Twitter, e as pessoas são cruéis. Vi pessoas falando que a Marielle merecia morrer porque defendia Hamídio, e que tinha sido vítima do próprio "lixo" que ela defendia. O que está acontecendo com essa galera? perderam a noção do significado de direitos humanos? Sei que vou passar os próximos dias com medo, mas não posso deixar isso me derrubar.

2

16 de março de 2018 - 22:20

Um dia após a morte de Marielle ocorreu uma manifestação na Cinelândia. Uma multidão gritava, chorava, erguia cartazes. O suor, as lágrimas, a raiva, o desejo de justiça. O centro do RJ, onde milhares de pessoas circulam por dia, ponto de negócios e de lazer. Em certo momento da manifestação, pessoas pegam o microfone. Poemas e manifestos são recitados, um pedido de socorro, um pedido de justiça.

O que torna esses discursos tão poderosos não é apenas o que está sendo dito. É o conjunto. É o grito do povo, os cartazes levantados, o choro, a raiva, a lágrima, o brulho, o punho cerrado, o local. Se eu leio o mesmo discurso em uma folha de papel, entendo o seu valor, mas não é a mesma sensação de viver aquele momento. Da mesma forma que sei que ver esse vídeo da manifestação no Youtube, escutar os gritos, ver as lágrimas, as veias do artista saltando enquanto grita sua arte no microfone, não me trará as mesmas experiências vividas pelos manifestantes que estavam ali.

07 de maio de 2018 - 13:30

Já perto de completar dois meses da morte da Marielle e o caso ainda não teve solução, mas eu ando na rua com menos medo do que antes, porque para todos os lugares em que olho, ela está lá. A cidade se encheu de Marielles, ela é lembrada em todas as esquinas em grafites, cartazes, lanche-lanches... A morte não foi esquecida e não será empurrada para debaixo do tapete, há gente buscando por justiça e sei que não será mais uma morte de minoria esquecida e esquecida. A voz da Marielle não foi silenciada, ela foi amplificada! Eu cominho pelos ruas da cidade, passo pelo centro, pelo subúrbio, pelos rios expressos e lido frases de resistência como "não vou me calar", "lute como uma garota",

"parem de nos matar", "nossas vidas importam". "#MARIELLE PRESENTE" virou o símbolo da luta nas redes sociais como facebook, twitter e instagram, com pessoas apoiando a causa e buscando juntas a justiça. Nesses últimos meses eu li textos lindos de pessoas que conheciam a Marielle e de pessoas que acabaram descobrindo quem foi Marielle, todos se unindo e formando uma só resistência. Nesse momento percebo que não preciso ter medo.

14 de setembro de 2018 - 10:00

Hoje é o aniversário de seis meses da morte da Marielle Franco e me bateu uma tristeza imensa. Esses últimos meses foram uma roda-gigante com picos de alegria e de melancolia. Ver a união das pessoas que lutaram pela memória da Marielle e que estão ajudando a levar a palavra dela em diante me deixou muito esperançoso, ao mesmo tempo que a onda de fascismo só cresce e o ataque que as minorias vem sofrendo em nome da candidatura homofóbica, misógina e de ultradireita de Bolsonaro. Tudo isso é assustador. Li mais cedo uma matéria da revista americana Times onde a mãe da Marielle questionava porque os assassinos da sua filha ainda estavam livres, uma frase de discurso dessa mãe foi "todos os dias eu me pergunto o que uma assassina tira e defensora dos direitos humanos pode ter feito para ter gerado tamanha violência". E eu percebi que era isso que me incomodava durante todos esses meses, essa pergunta me espantava a todo momento, não me deixava esquecer do que havia acontecido, mas o pior de tudo era que, mesmo tentando esconder, sabia a resposta. Monica Benício, a namorada de Marielle, tem falado sobre crime político, e mesmo sabendo que nunca voltarei a ser o mesmo depois desse assassínio, tenho esperança em uma solução, e que dessa forma eu liberte esse peso que carrego comigo.

30 de setembro de 2018 - 12:34

Desde a morte da Marielle, vem chovendo fake news sobre ela. A mais famosa talvez seja a que ela tinha um caso com o traficante "maricinho VP", o que é obviamente um absurdo e foi comprovado como falso. A falta de empatia das pessoas me choca, porque é no mínimo uma questão de respeito, o que já tá claro nesse caso nem existir. Há poucas semanas o candidato Bolsonaro levou uma foda e depois do ocorrido surgiu uma tsunami de comparações entre o assassinato de Marielle e a foda do Bolsonaro, podia até parecer uma piada de mal gosto tal comparação, mas acabei percebendo que realmente tinham pessoas que não viam diferença ou que criticavam quem se posicionava no homicídio da Marielle mas não comentavam a foda da do outro lá. Claro, sou contra qualquer tipo de violência, mas é aquilo: ódio gera ódio, e o que mais o caso propaga é discurso de ódio.

28 de setembro de 2018 - 19:50

Hoje foi dia de eleição e passei o dia angustiada, andando pela casa, sem conseguir comer com o estômago embrulhado. Passei as duas últimas horas atualizando o site do G1 acompanhando a apuração dos votos para no fim receber a notícia "Bolsonaro novo presidente", eleito com 55% dos votos. Me sinto desolada, um misto de raiva, ódio e medo, me sinto uma bomba relógio prestes a explodir. Enquanto escrevo esse diário fogos de artifício explodem no céu como se fosse ano-novo. Essa é uma virada importante na política que só reforça o quanto precisarei ser resistência e me unir aos meus. Sei que nem tudo estará perdido, tento me lembrar que desses mesmos eleições surgiram os sementes de Marielle, representando todos nós. Eles serão resistência na Assembleia e no congresso nacional, lá dentro, assim da mesma forma que eu serei resistência aqui fora!

CENA 3:
PERFORMANCE E PERIFERIA

Favela é lugar de bandido? Cresci acreditando que sim, porque tudo a minha volta me fazia pensar isso. Nos jornais, na televisão, nos discursos das pessoas, tudo mistificava a favela como lugar de violência e medo. Quem vivia na favela ou era pobre e merecia nossa pena, ou era bandido e merecia nossa repulsa. Não importava qual fosse o lado, nós fomos educados a invisibilizar os corpos favelados.

E sobre a cultura da favela? *“A arte das comunidades é bonita, mas não serve para ser exibida nos grandes museus”, “literatura marginal é muito interessante, mas não tem espaço pra isso nas salas de aula”*. A verdade é que o caminho a ser percorrido nunca foi do centro para a margem, restando a quem estava nos limites buscar o seu lugar em uma sociedade que não os aceitava.

O título “marginal” já é algo curioso por si só. Buscando o termo no dicionário, encontrei definições como “relativo a margem”, “localizado no limite, nos extremos ou na periferia” e “que não pertence ou não se integra a um meio social” (MICHAELIS, 2018). Pensando mais sobre esses significados, decidi perguntar pro meu irmão de sete anos o que para ele era um marginal, que rapidamente respondeu *“é um bandido”*. Meu irmão mais novo, assim como eu, tinha sido instruído socialmente a categorizar e menosprezar o corpo marginal, e a culpa não era nossa, mas sim dos dominadores nos centros de poder que, constantemente, transfiguravam o significado do “ser marginal”, tornando o nome um sinônimo para criminoso ou

delinquente. Essa tentativa de tirar a voz do corpo abjeto fazia, historicamente, parte de um malicioso jogo político, onde o desafio dos corpos invisibilizados se encontrava na tentativa de desmistificar um preconceito já estigmatizado. Mas como?

A resposta estava em não se deixar calar. Ao mostrar sua voz, o marginal entrava em uma luta contra a sua invisibilização. Ao expor sua arte, o marginal se recusava a ser apagado, ele invadia um lugar que é seu por direito, mas que o era negado constantemente. O corpo abjeto é diariamente menosprezado e qualificado como dispensável, o lugar desses corpos é atribuído a posição de menor valor, de inferioridade, de criminalidade, de prisão. Quando um marginal usa sua voz e o seu corpo para a arte, ele reage com um contradiscurso, ele não aceita a posição em que foi colocado, ele se posiciona no lugar onde deseja estar; seja na favela, nas ruas, na zona norte, na zona sul, nas universidades, nas grandes empresas. Arte marginal, acima de tudo, passa a representar resistência.

O seu corpo é a sua luta, sua voz é a sua resistência. A ação de botar o pé para fora de casa já é um ato de resistência para o marginal, é gritar diariamente: *“terão que conviver comigo, queira vocês ou não!”*. A arte marginal tem o poder de construir e desconstruir, de criticar e iluminar, de trazer conhecimento as pessoas sobre coisas que nunca lhes foram entregues, temas que nunca foram abordados, informações que são constantemente empurradas para debaixo do tapete. Em uma palestra, Eloisa Buarque de Holanda (2011) trata da arte marginal como um novo cenário para a arte contemporânea, ao dizer que a arte periférica agrega

novas metas para a criação e evidencia formas próprias de organização do trabalho artístico, subvertendo os objetivos da arte e da literatura moderna.

Foi a partir de uma carência de contato com movimentos artísticos produzidos inteiramente por corpos marginais que conheci e me afeiçoei, há alguns anos atrás, ao *slam*. As batalhas de poesias, chamadas de *slam*, surgiram na década de oitenta nos subúrbios dos Estados Unidos e chegaram ao Brasil na virada do século. O nome “*slam*” vem de “*Poetry Slam*”, termo que traduzido literalmente significa “batida de Poesia” ou “golpe de poesia”, fazendo total sentido se pensarmos que o *slam* é a poesia oral que, de forma rápida e sem adornos, deve golpear o público com as palavras.

O *slam* me conquistou por conta da sua marca performática. A participação do corpo na construção do discurso, a presença do público, a disputa, a sensação de coparticipação. O *slam* surge como porta-voz das minorias, e o ambiente acolhedor me transformou em receptor regular dessas rodas de batalha, onde pude ouvir, conhecer, entender, aprender e construir pensamento crítico junto desses corpos.

E foi, recentemente, em uma batalha do *slam*, que percebi que ainda não estava imune a propagar a inferiorização do corpo marginal. Estava naquele ambiente para ouvir o marginal e debater sobre a realidade dos nossos corpos, e em certo momento do evento um morador de rua interrompeu a batalha tomando a atenção do público para si. Lembro bem que meu primeiro pensamento foi o de que

alguém deveria tira-lo para que a batalha do *slam* prosseguisse normalmente, mas para minha surpresa uma das organizadoras do evento subiu ao palco e explicou que aquele espaço estava destinado a todos os corpos invisibilizados da cidade, e que aquele homem teria total liberdade de se expressar, assim como qualquer outro que ali estava. Eu saí da batalha refletindo sobre quem eu era e quem desejava ser, sabia que vivia em uma sociedade que me enfiava goela abaixo repetidamente o discurso de inferiorização dos que viviam a margem (inclusive do meu corpo), e era em espaços como esse, do *slam*, que eu encontrava a oportunidade de me livrar desses preconceitos e crescer.

E foi pensando na importância literária e social que o *slam* carregava, e com o desejo de conhecer melhor essa arte e os corpos que a produziam, que procurei uma das meninas responsáveis pelo “*slam* das minas RJ” para uma entrevista.

ENTREVISTA >

Andréa Bak: “Faço arte e música sobre a diáspora e resistência de um povo que historicamente sempre foi massacrado pelo sistema, com políticas fascistas, genocidas, na base da escravidão e da opressão.”

É assim que a poeta de 18 anos define sua arte. Ela na companhia de outras meninas formam parte do movimento *Slam* das minas RJ. Além de poeta, Andréa é cantora e ao lado de duas amigas integra o grupo de rap *Nefetaris Vandal*. Um dia depois do resultado das eleições de 2018, Andréa aceita bater um papo comigo sobre o *Slam das minas*, assim como os temas empoderamento, política e a invisibilização dos corpos marginais.

Guilherme Ferreira

29 de outubro de 2018.

Sobre o SLAM DAS MINAS

Resposta: O slam é uma batalha de poesia onde são escolhidos cinco jurados para avaliar os poetas, eles podem dar notas de seis a dez e o poeta tem até três minutos para declamar sua poesia. Caso passe disso os jurados e o público têm direito de se manifestar levantando a mão para informar ao poeta que já se passaram os três minutos. O *Slam das minas* é a batalha de poesia feita só por minas (meninas), onde só minas podem falar, mas não necessariamente só minas que podem ouvir. O *Slam das minas* tem o objetivo de empoderar as mulheres, sejam elas cis ou trans, com intuito de se posicionar criticamente diante de uma estrutura social que é patriarcal e machista. O *slam* no geral surge como protesto cultural através das palavras e ocorre normalmente em espaços públicos, praças públicas, para atingir de fato a população, mas pode ocorrer em centros culturais também.

Sobre sua relação com o SLAM DAS MINAS e sua paixão pela performance

Resposta: Desde pequena eu fazia teatro, mas aí eu larguei para me dedicar aos estudos. Agora voltou a onda da arte ser expressa por mim, mas através das poesias. Daí então montei um grupo de rap chamado *Nefetaris vandal* só com mulheres, onde a gente fala também da diáspora do povo negro, das mulheres, da comunidade LGBTQI+ e etc. Foi nesse momento que eu conheci o *slam*, em 2017, e o primeiro que eu batalhei foi o *slam* das minas. Eu vi um evento no *facebook*, tava a fim de ir, nunca tinha batalhado na vida, nunca tinha recitado poemas em público na vida, aí eu fui, botei a cara. Foi a partir daí que eu comecei a botar de novo, com ênfase, minha vontade de me expressar através das performances, da arte e da cultura.



“Nefetaris Vandal”

(Foto: Reprodução / Instagram)

“A gente tem voz, a gente tem poder para fazer tudo que a gente quer!”

Sobre sua relação com seu corpo e a necessidade de não se deixar ser invisibilizada

Resposta: Eu entendo a importância da diáspora histórica que eu sigo, além de como mulher, e mulher negra, de um povo que sempre esteve na resistência para hoje a gente ter um mínimo de liberdade. Liberdade essa que hoje a gente tenta buscar lutando contra sociedade que sempre nos massacrou, a classe dominante que sempre botou a gente, negros e mulheres, em posição de inferioridade, na base do patriarcalismo, do racismo. É importante que a gente ganhe destaque, mostrar que a gente não deve ser invisibilizada, porque a gente é igual a todo mundo: a gente tem voz, a gente tem poder, a gente tem força, tem resistência, tem talento para fazer tudo que a gente quer. E não vai ser sistema nenhum, em sociedade nenhuma, de classe dominando alguma que poderá em momento algum inferiorizar a gente e decidir a posição em que deveremos estar. A gente não tem limite, a gente deve sempre buscar os espaços que a gente quer estar, independente se tem alguém nos reprimindo e dizendo que a gente não deve estar lá.



(Foto: Reprodução / Instagram)

Sobre o *SLAM DAS MINAS RJ* como um porta-voz das mulheres cariocas

Resposta: Como a gente tem a base estrutural de uma sociedade patriarcal, a gente vai ver o seu reflexo em diversos lugares, inclusive dentro da cultura do hip hop, da arte em si, porque como é algo estrutural ela está presente em todos os lugares. Então é importante que a gente tenha um espaço só nosso de empoderamento, já que se eu for pra um *slam* que é aberto pra ambos os gêneros, vai rolar uma opressão por parte dos homens, seja de forma direta ou indiretamente, para com as mulheres. Então, nesse momento o espaço do *slam* das minas é importante porque é lá que a gente consegue se conscientizar, se encontrar e, por fim, se empoderar, para assim sair desse ambiente só das mulheres e invadir os outros espaços onde dizem que não podemos estar.

Sobre o símbolo de resistência “Marielle Franco”

Resposta: Assim como a gente tem a Marielle como um símbolo de resistência, temos também diversos símbolos de resistência que são os corpos que vão estar na linha de frente da batalha. A partir do momento que ele cutuca o opressor e incomoda, ele vai ser retalhado de alguma forma. O assassinato dela (Marielle) foi um sinal direto disso né, de que existe de fato pessoas que não querem ver os corpos invisibilizados ressurgindo do lixo, e então massacra quem está lutando para que esses corpos saiam dessa posição que um dia nos colocaram. Ela é uma prova de que quando a gente bota a cara a gente consegue incomodar de fato. É importante a nossa resistência em todos os nossos momentos e não apenas em relação à política, por exemplo. (Suspiro) porra é foda falar da Marielle.

“A partir do momento que a gente fala contra o opressor, a resistência tá lá!”

Sobre a relação do *SLAM* com as ruas

Resposta: Eu acho que não soma nada a gente falar pra quem já sabe, pra quem já é da bolha. Por isso a importância das ruas, nela podemos atingir um público que não está na nossa bolha de conscientização e que já sabe tudo que a gente fala. A importância de estar nas ruas é de atingir o trabalhador que está voltando do trabalho, o estudante que está voltando da escola, e fazer com que assim a gente roube um pouquinho da sua atenção, levando ele a descobrir o verdadeiro sistema, a partir do nosso corpo e do que a gente fala.

Sobre as eleições e o surgimento de um cenário perigoso para o artista militante

Com a vitória dele (Bolsonaro), eu vejo um cenário não muito diferente do de hoje, porque querendo ou não, nós artistas militantes já sofremos repressão, como os artistas que querem se expressar em vias públicas e são oprimidos pela polícia, por exemplo, ou por autoridades militares... Como os *slams* sempre ocorreram em praças públicas, acontece muita opressão na maioria das vezes. Aí você pensa, se a gente tem os poetas falando em sua poesia, *e a gente sempre fala né*, sobre fascismo que quer se estruturar no nosso país e que vai contra as minorias; se um dia ocorrer uma repressão, a gente não tem o mínimo de justiça, já que ele (Bolsonaro) quer dar carta branca para os policiais. Vai ser foda, já que se um policial se sentir ofendido com nossa poesia, vai poder fazer que quiser com a gente, sem necessariamente ser punido.

Você pode encontrar *Andréa Bak*, *Nefetaris Vandal* e o *Slam* das Minas RJ, nas redes sociais:

Andréa Bak

Facebook: Andréa Bak

Instagram: @andreabak_

YouTube: Andréa Bak

Nefetaris Vandal

Facebook: Nefetaris Vandal

Instagram: @nefetarisvandal

Slam das Minas RJ

Facebook: Slam das Minas RJ

Instagram: @slamdasminasrj

SLAM DAS MINAS

"Talvez o que eu vá falar aqui, você não dê muita importância. São só desigualdades."



FOTO: REPRODUÇÃO / FACEBOOK

...guerra... Se' uma pequena discórdia. Num mundo vasto feiozente, eu vejo resquícios de um passado que não me opressa mais. olho nos herdeiros da liberdade, e vejo os herdeiros da casa grande. Eu olho pro Vidigal, e vejo os herdeiros da senyola. mas que com muita resistência apertam a espada. apertam a espada. apertam a espada. apertam a espada.

FOTO: REPRODUÇÃO / FACEBOOK

SLAM DAS MINAS

os herdeiros da casa grande. Eu

RESISTÊNCIA!



FOTO: REPRODUÇÃO / FACEBOOK

Foram 5 milhões de nós, trazidos a força. Inferiorizam nossa cor.



FACEBOOK

LUTA!

VOZ!

jogaram nessa cultura e nessa identidade na perca... - ANDREA BAK

CENA 4:
ASCENSÃO DO FACISMO



FOTO : REPRODUÇÃO / FACEBOOK

TOTONHA

por Marcelino Freire

Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso. Deixa pra gente que é moço. Gente que tem ainda vontade de doutorar. De falar bonito. De salvar vida de pobre. O pobre só precisa ser pobre. E mais nada precisa. Deixa eu, aqui no meu canto. Na boca do fogão é que fico. Tô bem. Já viu fogo ir atrás de sílaba?

O governo me dê o dinheiro da feira. O dente o presidente. E o vale-doce e o vale-lingüiça. Quero ser bem ignorante. Aprender com o vento, ta me entendendo? Demente como um mosquito. Na bosta ali, da cabrita. Que ninguém respeita mais a bosta do que eu. A química.

Tem coisa mais bonita? A geografia do rio mesmo seco, mesmo esculhambado? O risco da poeira? O pó da água? Hein? O que eu vou fazer com essa cartilha? Número? Só para o prefeito dizer que valeu a pena o esforço? Tem esforço mais esforço que o meu esforço? Todo dia, há tanto tempo, nesse esquecimento. Acordando com o sol. Tem melhor bê-á-bá? Assoletrar se a chuva vem? Se não vem?

Morrer, já sei. Comer, também. De vez em quando, ir atrás de preá, caruá. Roer osso de tatu. Adivinhar quando a coceira é só uma coceira, não uma doença. Tenha santa paciência! Será que eu preciso mesmo garranchar meu nome? Desenhar só pra mocinha aí ficar contente? Dona professora, que valia tem o meu nome numa folha de papel, me diga honestamente. Coisa mais sem vida é um nome assim, sem gente. *Quem está atrás do nome não conta?*

No papel, sou menos ninguém do que aqui, no Vale do Jequitinhonha. Pelo menos aqui todo mundo me conhece. Grita, apelida. Vem me chamar de Totonha. Quase não mudo de roupa, quase não mudo de lugar. Sou sempre a mesma pessoa. Que voa.

Para mim, a melhor sabedoria é olhar na cara da pessoa. No focinho de quem for. Não tenho medo de linguagem superior. Deus que me ensinou. Só quero que me deixem sozinha. Eu e minha língua, sim, que só passarinho entende, entende?

Não preciso ler, moça. A mocinha que aprenda. O doutor. O presidente é que precisa saber o que assinou. Eu é que não vou baixar minha cabeça para escrever.

Ah, não vou.

(Foto: Reprodução / YouTube)



Atriz Bete Nobre no papel de Totonha, na peça teatral “Contos Negreiros do Brasil”. Dirigida por Raimundo Moura e com texto de Marcelino Freire.

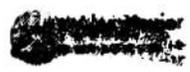


O nordeste é um câncer. Foda-se, é isso mesmo!

Translate Tweet
8:27 PM - 7 Oct 2018

2 Likes
2

Follow



É sempre esse nordeste atrapalhando tudo, cambada de mongolóides

Translate Tweet
8:27 PM - 7 Oct 2018 from file de Janeiro, Brazil

2

Tweet your reply

Follow



35 min ·

Agora eu intendi pq Deus manda chuva pra todo mundo menos pro nordeste kkkkkkk

115 227 comentários · 15 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar



Antonio @tonim_jr

Seguir

Jair Bolsonaro se ganhar, corta a água (q já é pouca) e corta o bolsa família do nordeste, corta essa porra do mapa e deixa ser um lugar independente pro comunismo ficar lá, pelo amor de Deus

7 de out de 2018

1



Sk8 do Costa @RayCosta95

Seguir

Nordestino tem que se fuder de morrer na seca mesmo.

20:46 - 7 de out de 2018

1 Retweet 1 Curtida



Alex @alex_rochaaa

Seguir

Esses cabeça chata do Nordeste onde a maioria vive de bolsa família vai mudar governo pra que? Ganham pra ficar deitado nas redes

15:11 - 26 de out de 2014

3 Retweets

3



joelian camargo @JoelianCamargo

Seguir

Nordeste de novo estragando o brasil povo burro mal sabem lê.

15:40 - 7 de out de 2018

2 Curtidas

33 2

eman Gomes emanGomes

Seguir

sede de um nordestino e eles será fie morrer de fome..

7 de 2018



1



Eu @gihbrandalizzi

Se

Agora cairia bem uma bomba la no no

6 - 8 de out de 2018

1 Retweet 1 Curtida

2 1 1



Jéssica Franco @priscilajeeh

Seguir

Precisam emancipar o nordeste do Brasil já

2° Turno é 17!!!

18:07 - 7 de out de 2018



@NatanTFI

Seguir

No Nordeste o medo de perder o bolsa família é maior do que a vontade de arrumar um emprego

18:08 - 7 de out de 2018

2 Curtidas

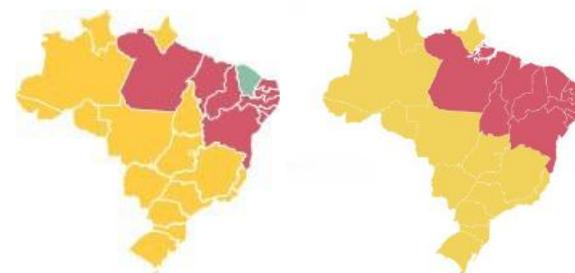
Acompanhei grande parte das informações relacionadas as eleições de 2018 pela internet. As divulgações de notícias ficaram bem mais fáceis por conta das redes sociais e já não era mais preciso esperar pelo horário eleitoral das TVs, porque tudo sobre todos os políticos estava ali, bastava abrir nossos perfis. E ousou dizer que as grandes protagonistas dessas eleições foram as *fake news*¹, onde a galera jogou sujo na hora de criar e propagar notícias falsas.

Se tratando de redes sociais, era praticamente impossível fugir do tema política e, conseqüentemente, das opiniões políticas de outros usuários. Por trás de seus perfis em redes sociais como *facebook*, *twitter* e *instagram*² os eleitores se tornavam mais corajosos para expressar suas posições e convicções, já que havia naquele espaço virtual uma certa ideia de impunidade, de terra sem lei. O perigo estava no momento em que um candidato dava carta branca para que seus eleitores expressassem (disfarçado de opinião) seus preconceitos que fora do espaço virtual seriam condenados, transformando a internet em um verdadeiro campo de guerra.

Um dos temas mais comentados e debatidos nas redes sociais surgiu logo após o primeiro turno das eleições a presidência, quando foi divulgado os resultados das apurações de votos nos estados brasileiros, em que Bolsonaro teve uma derrota esmagadora em todo o nordeste brasileiro. Com a notícia circulando rapidamente pela internet, começaram a surgir comentários depreciativos por parte dos

eleitores do Bolsonaro contra os nordestinos, onde respaldados por um ideal de liberdade de expressão e da facilidade de ocultação de identidade (SANTOS. 2013, 31), esses grupos de eleitores utilizaram suas redes sociais para menosprezar e humilhar a cultura nordestina.

(Fonte: Site da Folha de S.Paulo)



Legenda:

Na primeira imagem temos o gráfico com resultado do primeiro turno da eleição à presidência, onde amarelo representa a vitória de Bolsonaro, vermelho a de Haddad e verde a de Ciro Gomes.

Na segunda imagem temos o gráfico com o resultado do segundo turno da eleição à presidência, onde amarelo representa a vitória de Bolsonaro e vermelho a de Haddad.

1 Termo em inglês que significa “notícias falsas”, é usado para referir-se a falsas informações divulgadas, principalmente, em redes sociais.

2 Redes sociais com o maior movimentação e número de usuários atualmente.

Fazendo uma rápida busca na rede social *Twitter*, encontrei centenas de comentários depreciativos, porém o tuíte³ que mais me chamou atenção foi um que dizia: “*Nordestino de novo estragando o brasil povo burro mal sabe ler*”. A partir dessa afirmação feita pelo usuário, comecei a refletir sobre os tantos estereótipos que, durante décadas, foram historicamente atribuídos ao corpo nordestino e lembrei imediatamente do conto “Totonha” do Marcelino Freire.

Desde que me entendo por gente me deparo com afirmações que dizem que nordestino não tem estudo, e isso não faz sentido, principalmente ao verificar notícias como “Melhores escolas públicas do Brasil estão no Nordeste” (INEP 2015). O problema está na dificuldade que há em desconstruir estereótipos já impregnado na sociedade, e isso se reflete fortemente nas inúmeras *fake news* criadas e divulgadas durante essas eleições. São esses estereótipos que ajudam na propagação de notícias falsas, guiadas principalmente a partir de um rótulo adesivado aos movimentos de esquerda e direita e propagado por grandes massas. Essas concepções fazem com que o povo acredite em manchetes falsas sobre o partido x sem ao menos se dar ao trabalho de verificar a veracidade da notícia.

Quando volto a ler Totonha dizer “*Eu é que não vou baixar minha cabeça para escrever*” (FREIRE. 2015, 81), sou tocado pela importância da figura dessa mulher que não deixava sua honra ser apagada pela falta de estudo, sou tocado por ter tido Totonhas na

minha vida. Por isso, ao tuites desmerecendo os nordestinos me fizeram refletir sobre o que realmente seria educação. Totonha era conhecida por todos onde morava, sabia da geografia do rio, sabia quando a chuva ia chegar, conhecia as doenças, então onde está a importância de se saber ler e escrever na sua vida? Tudo que ela precisava saber, ela já sabia (e muito bem). Quando releio “*Nordestino de novo estragando o brasil povo burro mal sabe ler*” penso na incoerência que há na produção de discurso desse usuário que conecta sentenças como “povo burro” e “mal sabe ler”, sem refletir sobre o sentido que tais construções carregam. Totonha pode ser uma criação da literatura de Marcelino Freire, mas posso comprovar a existência de várias “Totonhas” espalhadas pelo Brasil, “Totonhas” essas que me provam por a + b que “*povo burro mal sabe ler*” é uma construção agramatical.

3 Nome dado a postagem feita na rede social Twitter.

CENA 5:
NOVOS CENAS, NOVOS CORPOS

No corpo performático:

No dia 16 de março de 2018, dois dias após o assassinato de Marielle Franco, o grupo “Rosa de Sangue Movimento Artístico” ressignifica o manifesto 8M contra o genocídio negro e feminino, e em memória de Marielle Franco; através da performance dos poemas “Terra Fértil” e “Rosas de Sangue” de Carolina Rocha/Dandara Suburbana.



Scream do vídeo “MARIELLE, PRESENTE! - Manifesto Rosa de Luta”, publicado no canal “Sobre Elas” no YouTube.

TERRA FÉRTIL

(Carolina Rocha/Dandara Suburbana)

Gritaram-me louca, agressiva, petulante e metida a sabida!
Xingaram-me pelo que era, pelo que sou e pelo que ousaria ser.
Entregaram-me de bandeja ao escárnio, ao medo e a renúncia.
Impediram-me, muitas vezes, de chegar mais longe, de ir além.
Trançafiaram-me em seus porões, escuros e úmidos, e me chamaram de suja,
Porque a sujeira é preta, e preta é a minha cor.

Desejaram meu fim.
Puseram as mãos cheias de espinhos no meu Orí.
Sangraram a minha cabeça, sagrada existência, enfim.
Decretaram meu fim.
Apodreceram as raízes firmes do meu Baobá e esperaram para me ver cair.
Derrubaram-me na terra.
Corpo estendido, machucado e partido.
Desintegrada, fui adubo, esterco e caminho.
Não desapareci.
Alimentei o solo com minha carne e dei frutos.
Uma geração de mulheres, múltiplas e muitas, pretas, brancas,
indígenas, lésbicas, trans, putas, bruxas, combativas
Erguidas a pedra, peito e pó, resiste em mim!

Na Rua:

Após dois candidatos do partido PSL, o mesmo de Bolsonaro, arrancaram e quebrarem a placa em homenagem a Marielle Franco no centro do Rio de Janeiro, o ato “Mil placas para Marielle” levou milhares de pessoas para a Candelária (região central do Rio de Janeiro) e em menos de uma hora mais de mil e quinhentas placas foram distribuídas entre a multidão que fizeram uma homenagem a Marielle.

“*Eles rasgam uma, nós fazemos cem*”. O ato “Mil pacas para Marielle” é só mais um aprova do legado da vereadora, que ascendeu a chama de uma multidão, que não aceita mais ver, calados, corpos marginais invisibilizados, depredados e mortos.

A manifestação ocorreu no aniversário de sete meses da Morte da vereadora. Data que marcava ainda sete meses sem respostas sobre a morte de Marielle, sete meses do início da luta de um povo, sete meses da memória de uma mulher que lutava do lado de corpos menosprezados e pela vida desses corpos menosprezados.

“Cada dia que um público vem se manifestar em memória da minha filha mostra que eles sabem que ela existe e que vai continuar existindo”, disse a mãe de Marielle.

Não será fácil apagar a memória e o legado de Marielle Franco.

(Foto: Reprodução / Áfernando Frazão – ABR)



Manifestantes segurando suas placas.

(Foto: Reprodução / F.Proner - Picture Alliance)



Corpos formando o nome de Marielle.

Na política:

A semente floresceu. As eleições de 2018 levaram para o congresso 74 novas mulheres, entre elas quatro amigas de Marielle, mulheres negras eleitas no Rio de Janeiro pelo Psol. Renata Souza, Mônica Francisco e Dani Monteiro, entraram como deputadas estaduais e Talíria Petrone, como deputada federal. Essas 74 mulheres são as sementes de Marielle, que prosseguirão com sua luta, não deixando que suas convicções, propostas e causas de Marielle sejam invisibilizadas.

(Foto: Reprodução / Twitter)



Na música:

A cantora Mc Carol, nascida em Niterói - RJ e criada no Morro do Preventório, ficou conhecida por cantar funks com temas sociais e da realidade da vida das mulheres das favelas cariocas. Após a morte de Marielle Franco, Mc Carol lançou a música “Marielle Franco (desabafo)” junto do grupo Heavy Baile. No funk ela fala:

Vocês querem nos matar, nos controlar
Vocês não vão nos calar
Mesmo sangrando a gente vai tá lá
Pra marchar e gritar
Eu sou Marielle, Cláudia, eu sou Marisa
Eu sou a preta que podia ser sua filha.

(Foto: reprodução / Facebook)



Na Escola:

No segundo semestre de 2018, completando 8 meses da morte de Marielle Franco, eu levo para sala de aula de uma escola pública do subúrbio Rio de Janeiro um debate sobre literatura marginal. Converso com os com os alunos de 3º ano, entre dezesseis e dezoito anos, sobre a violência urbana sofrida por eles, trocamos experiências, relatos e reflexões. Lemos juntos o conto “Da paz” do Marcelino Freire e assistimos a performance da Naruna Costa. Refletimos sobre a importância da literatura em amplificar a voz dos corpos marginais. Começo a falar sobre os *slams* e a maioria dos alunos já tiveram algum tipo de experiência com o movimento poético, debatemos a relevância do *slam* e as táticas nesse gênero para levar conhecimento sobre a luta dos corpos dissidentes para quem não tem acesso a uma reflexão sobre toda a violência sofrida por esses corpos. Assistimos algumas performances de *slams* e os alunos se sentem representados com o que veem. Distribuo reportagens diversas sobre o caso Marielle Franco e proponho uma atividade para eles: inspirados pelo tema e pelo debate na sala, em grupo, produzirem seus próprios poemas de *slam*. O resultado não surpreende, só confirma o quanto esses jovens que muitas vezes não são valorizados, têm consciência política e lutam por um espaço no mundo, por respeito e por visibilidade. Esses jovens são sementes.

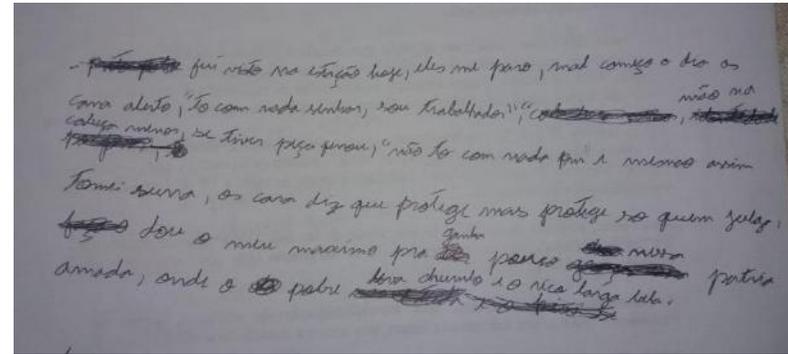


Foto: manuscrito da produção de slam feito por um grupo de alunos.

*“fui visto na estação hoje, eles me paro, mal começo o dia os cana
alerto, “to com nada senhor, sou trabalhador”, “mão na cabeça
menor, se tiver peça ferrou”, “não to com nada pm” e mesmo assim
tomei surra, os cara diz que protege mas protege só quem julga,
dou o meu máximo pra ganhar pouco nessa pátria amada, onde pobre
leva chumbo e o rico larga bala.” (Aluno anônimo)*

CENA 6:

#MARIELLEPRESENTE

FOTO: REPRODUÇÃO / JOEDSON ALVES (EFE)

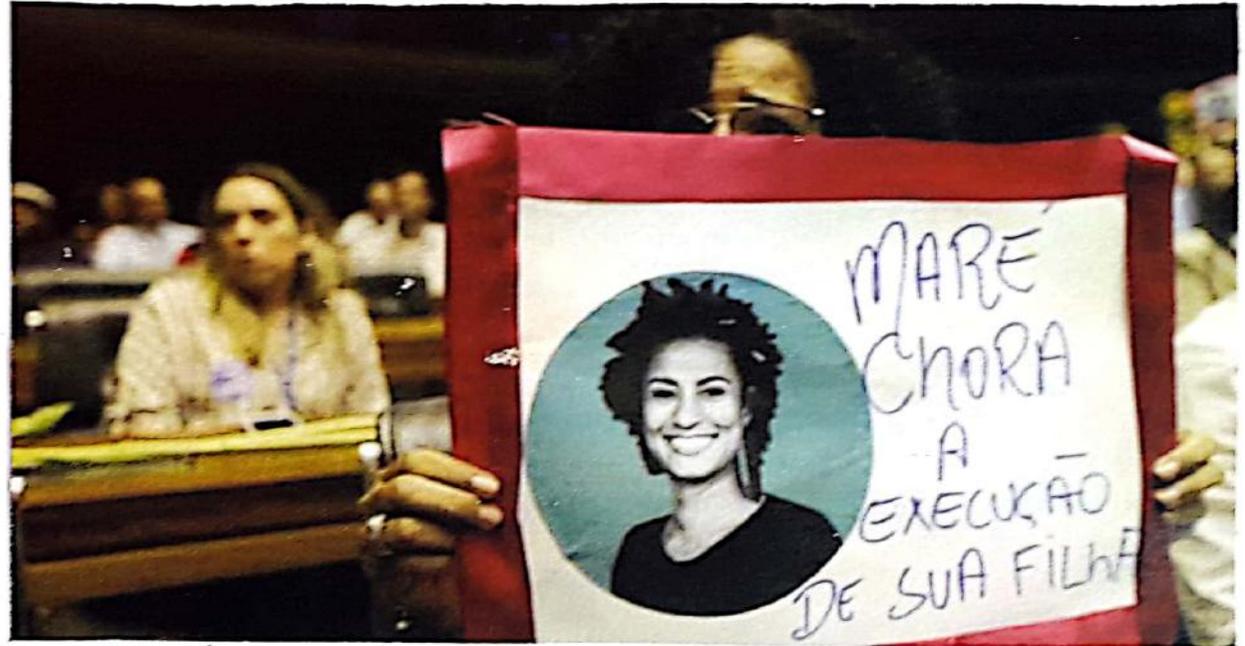


FOTO: REPRODUÇÃO / FACEBOOK



FOTO: REPRODUÇÃO / LUIS BUENO



FOTO: REPRODUÇÃO / CLÉBER JÚNIOR - AGÊNCIA O GLOBO

EU SOU PORQUE NÓS SOMOS

Ubuntu é um termo encontrado no vocabulário das culturas dos grupos étnicos da África do Sul “*ndebele, swati, xhosa e zulu*”, mas não é somente uma palavra qualquer, *Ubuntu* é uma filosofia da afroperspectiva, isto é, um modo de se pensar e se viver socialmente nas raízes africanas. Não há uma tradução literal para *Ubuntu*, mas tem forte ligação com palavras do nosso vocabulário como compaixão, respeito, e principalmente coletividade. Isto porque, na filosofia do *Ubuntu*, a sociedade só funciona com o conceito de coletividade estabelecido, expressando assim a necessidade da união e de consenso na tomada de decisões. Ramose (2011) vai explicar que a palavra *Ubuntu* surgiu da conexão entre *Ubu* e *ntu*, que se fundamentam mutuamente no sentido constituído nos dois aspectos do “ser”: como uma unidade e como um todo inseparável. Na prática, encontramos o conceito de *Ubuntu* empregado, por exemplo, no seguinte pensamento das máximas de *xhola* e *zulo*: “*umuntu ngumuntu ngabantu*”, que significa “uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas” (NOGUEIRA, 2011). Contudo, provavelmente você, assim como eu, tenha tido contato com o *Ubuntu* a partir de Marielle Franco e o lema criado na sua luta política: *Eu sou porque nós somos*.

O *Ubuntu* está manifestado na luta de todos os corpos abjetos homenageados nesse diário-tributo. Está na luta do Marcelino Freire,

escritor gay nordestino que na sua narrativa criou espaço para a voz dos marginais. *Eu sou porque nós somos*. Está nas meninas do *Slam das minas* RJ, que não aceitam ser caladas e tomam as praças públicas da cidade para gritar sua arte. *Eu sou porque nós somos*. Está nas multidões que ocupam as ruas para manifestar seus direitos por respeito, justiça e pertencimento. *Eu sou porque nós somos*. Está nos negros que se apossam dos espaços elitistas das universidades, onde mesmo não sendo bem-vindos, resistem. *Eu sou porque nós somos*. Está nos nordestinos que são inferiorizados, mas não se deixam ser silenciados, e lutam a todo momento por respeito. *Eu sou porque nós somos*.

O *Ubuntu* está ainda nas sementes da Marielle. Em Érica Malunguinho, a primeira mulher trans a ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa paulista. Em Talíria Petrone, professora, negra e militante dos direitos LGBTQ+, a nona deputada federal com mais votos no Rio de Janeiro. Em Áurea Carolina, mulher negra e socióloga, deputada federal em Minas Gerais. Em Benedita da Silva, representante da militância do corpo da mulher negra, deputada

federal no Rio de Janeiro. Em Olívia Santana, que se tornou a primeira deputada estadual negra da Bahia. Em Leci Brandão, defensora do povo do candomblé, agora deputada estadual em São Paulo. Em Erika Hilton, militante na luta contra o preconceito de gênero, nova membro da bancada ativista do PSOL em São Paulo. Em Renata Souza e Mônica Francisco (ex-chefe de gabinete e assessora de Marielle), novas deputadas estaduais no Rio. *Eu sou porque nós somos.*

O *Ubuntu* está nas vozes de mulheres negras da música, na Mc Carol, na Elsa Soares, no *Nefetaris Vandal*, que usam seu dom como forma de protesto, como porta-voz da luta dos seus irmãos marginalizados. *Eu sou porque nós somos.* Está nos corpos dos estudantes das escolas públicas, jovens que buscam um futuro melhor para seus corpos, que não aceitam ser alienados, não se deixam ser derrubados nessa competição baseada historicamente em meritocracia. *Eu sou porque nós somos.*

O *Ubuntu* está nos trabalhadores negros, que saem de casa todos os dias em busca de uma vida melhor para sua família, que muitas vezes comem o pão que o diabo amassou, mas nunca admitem ser dominados. *Eu sou porque nós somos.* Está no gay afeminado, na lésbica masculinizada, que não têm medo de sair nas ruas do jeito que são, e que faz do seu corpo sua verdadeira identidade, sua resistência, sua luta. *Eu sou porque nós somos.*

Está em Marielle Franco, mulher negra, periférica, feminista,

lésbica, que sempre lutou pelos direitos da minoria invisibilizada, que foi assassinada por dar voz a quem queriam silenciar, mas que teve seu grito ecoado e multiplicado pelos corpos de todas essas milhares de pessoas. *EU SOU PORQUE NÓS SOMOS!*

Manifesto feito por membros da bancada Feminista do PSOL:

(...) Somos centenas, milhares, milhões. Estamos nas ruas, nas favelas, nos centros, nos campos e nas instituições. Estamos amparadas umas nas outras para garantir que esse projeto de sociedade avance, estamos e seguiremos juntas com nossos corpos, nossas cores, nossas lutas, nossos desejos. Eu sou porque nós somos!



Publicação da rede social de Marielle Franco, no primeiro dia do ano 2018.

LISTA DE INSPIRAÇÕES: LINKS PARA VÍDEOS E REPORTAGENS CITADOS + EXTRAS:

INTRODUÇÃO:

Encontro com a escritora e ativista transfeminista Helena Vieira: <https://www.youtube.com/watch?v=hmx5D0Mg7xo&t=2333s>

CENA 1:

Marcelino Freire lê o conto "Da Paz": <https://www.youtube.com/watch?v=lnCWXnZjEh0&t=158s>

Naruna Costa recita o conto "Da Paz": <https://www.youtube.com/watch?v=XDK64q-H0X0&t=140s>

CENA 2:

Slam por Kuma França "O meu lugar não é o silêncio": <https://www.youtube.com/watch?v=koZnoAm1EN0>

Slam por Andréa Bak, no *slam* das minas RJ 2018: <https://www.youtube.com/watch?v=aDTF11pahv8>

_____, no *slam* grito filmes 2017: <https://www.youtube.com/watch?v=ghJ1urfvFUM&t=21s>

Slam por Geise Gênesis, vencedora da final do *slam* das minas RJ 2018: <https://www.youtube.com/watch?v=weBCSBh4ZDE>

Nefetaris Vandal, W-Black no LCD em Movimento: <https://www.youtube.com/watch?v=NY4ZBLVVud0>

Andréa Bak, Dororidade (clipe oficial): <https://www.youtube.com/watch?v=fmJAWeXIhDU>

CENA 3:

Marielle Franco, vereadora do PSOL, é assassinada no centro do Rio após evento com ativistas negras:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376_531337.html

Tempo de investigação da morte de Marielle já supera o de outros casos parecidos:

<https://ponte.org/tempo-de-investigacao-de-caso-marielle-ja-supera-o-de-outros-casos-parecidos/>

Assassinato político de Marielle Franco reativa as ruas e desafia intervenção no Rio:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/16/politica/1521157108_642756.html

Rio elege deputadas quatro mulheres negras amigas de Marielle:

<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/rio-elege-deputadas-quatro-mulheres-negras-amigas-de-marielle/>

Assassinato de Marielle Franco completa seis meses sem nenhuma resposta sobre o crime:

<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,assassinato-de-marielle-franco-completa-seis-meses-sem-nenhuma-resposta-sobre-o-crime,70002501990>

'Ela era uma inspiração para o favelado': a reação de moradores do Complexo da Maré à morte de

Marielle: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43456050>

'O luto não acaba, não nos deixam esquecer', diz filha de Marielle, quatro meses após assassinato da mãe:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44884283>

Mulher, negra, favelada, Marielle Franco foi de 'cria da Maré' a símbolo de novas lutas políticas no

Rio: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43423055>

Marielle era uma das 32 mulheres negras entre 811 vereadores eleitos em capitais brasileiras:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43424088>

CENA 4:

Candidatos do PSL destroem placa com homenagem a Marielle Franco:

<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,candidatos-do-psl-destroem-placa-com-homenagem-a-marielle-franco,70002531740>

Atriz Bete Nobre no papel de "Totonha", dirigida por Raimundo Moura: <https://www.youtube.com/watch?v=PfjXG49oraE&t=2s>

Melhores escolas públicas do Brasil estão no Nordeste; cearenses aparecem no topo do ranking: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4653:melhores-escolas-publicas-do-brasil-estao-no-nordeste- cearenses-aparecem-no-topo-do-ranking&catid=44:sala-de-imprensa&Itemid=183

CENA 5:

Manifesto Rosa de Luta | SOBRE ELAS: https://www.youtube.com/watch?v=icok_IXZuNw

Ato contra retirada da placa de Marielle reúne milhares de pessoas na Cinelândia:

<https://oglobo.globo.com/brasil/ato-contr-retirada-da-placa-de-marielle-reune-milhares-de-pessoas-na-cinelandia-23155263>

As sementes de Marielle Franco: Quem são as mulheres negras eleitas em 2018:

https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/10/as-sementes-de-marielle-franco-quem-sao-as-mulheres-negras-eleitas-em-2018_a_23557207/

MC Carol ft. Heavy Baile - Marielle Franco: <https://www.youtube.com/watch?v=iPoHMYfxD0Q>

CENA 6:

Nelson Mandela fala sobre o UBUNTU: https://www.youtube.com/watch?v=9QnEaKZ_4kY

UBUNTU (ao vivo): <https://www.youtube.com/watch?v=I35ck5K7Zy4>

Último pronunciamento de Marielle Franco no Plenário da Câmara dos Vereadores do RJ: <https://www.youtube.com/watch?v=Da7dqCqEJmA>

AGRADECIMENTOS:

À minha mãe, por criar três filhos sozinha e mesmo no meio de tantas adversidades continuar forte, sendo um exemplo de mulher batalhadora que não se deixa ser derrubada e invisibilizada.

À Marielle Franco, pela força que exerceu e continua exercendo para a luta dos corpos marginais.

Às meninas do slam das minas RJ, principalmente a Andréa Bak, por me inspirar em tantos momentos durante essa jornada de escrita.

Aos meus amigos Geane Gulão e Caio Machado, por sempre estarem dispostos a me ajudar em pesquisas e leituras. Ao Lucas Matede por ser um artista tão novo, brilhante e inspirador. Obrigado por todo o incentivo de vocês.

Ao Felipe Vannucci, por me dar amor e força todos os dias para vencer os meus desafios. Por acreditar e enxergar sempre o melhor de mim.

À minha orientadora Martha Alkimin, por acreditar no meu potencial e embarcar de cabeça junto comigo nesse projeto. Obrigado por todas as ideias e conversas que compartilhamos nesse período, pude aprender muito ao seu lado.

Aos inúmeros amigos e professores que tive o prazer de conhecer e compartilhar experiências e risadas durante essa jornada universitária. Um obrigado especial as amizades que construí na turma de espanhol, Camila, Carolina, Caroline, Felipe, Iracema, Thainan e Viktoria, amigos que viveram esse percurso louco e sofrido comigo, fazendo tudo ser especial e inesquecível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, Marcelino. “Da Paz”. In: Rasif: mar que arrebenta. Rio de Janeiro: Record, 2008, pp. 15-19.

FREIRE, Marcelino. “Totonha”. In: Contos Negreiros. Rio de Janeiro. Record, 2015, pp. 78-81.

HOLLANDA, Heloísa. As fronteiras móveis da literatura. Disponível em <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=67>>. Acesso em 05 de outubro de 2018.

KRISTEVA, Julia. Poderes de la perversión. Buenos Aires: Catálogos/Século XXI, 1988.

MARGINAL. Dicionário online Michaelis, 10 out. 2018. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 10 outubro de 2018.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. Revista da ABPN; v. 3, n. 6; nov. 2011 - fev. 2012; p. 147-150.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Rev. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155- 167, Jan. 2002. (Original publicado em 1998).

RAMOSE, Mogobe B. An African Perspective on Justice and Race. Disponível em: <<https://them.polylog.org/3/frm-es.htm>> . Acesso em: 20 de novembro de 2018.

SANTOS, Rayfe Alves dos. Ciberterritórios: estereótipos e estigmas regionais contra os nordestinos no ciberespaço. 2012. 50 f. Trabalho de conclusão de curso em geografia na Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2012-2013.

SP Escola de Teatro. Encontro com a escritora e ativista transfeminista Helena Vieira. 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=hmx5D0Mg7xo>>. Acesso em: 14 de novembro de 2018.

ZUMTHOR, Paul. Performance, Leitura e Recepção. São Paulo: Cosac&Naif, 2010.

GUILHERME DOS SANTOS FERREIRA DA SILVA
10 DE DEZEMBRO DE 2018